



Temporada Lírica, pedido *O Estado 18-10-81* dos cantores de Campinas

Em Campinas, cidade reconhecida como promotora da cultura, parte de seus artistas está pedindo mais oportunidades para as suas exibições. Os cantores líricos afirmam que estão tão à margem dos eventos culturais da cidade que são obrigados a tomar iniciativas domésticas para conseguir exercitar-se para as raras ocasiões em que são convidados a cantar. É o caso do contrato Gledys Pierri, que recebe em sua casa, todo sábado, entre 15 e 18 horas, o pianista Fausto Massaini e um grupo de cantores.

Ao todo são 43 solistas, entre sopranos, contraltos, mezzo-sopranos, tenores, barítonos e baixos, que estão preocupados em encontrar uma forma de serem incluídos com maior frequência na programação oficial da Secretaria Municipal de Cultura. De acordo com o tenor Alcides Acosta, os cantores estão reivindicando, inicialmente, uma "temporada lírica" no próximo ano, patrocinada pelo município, para que tenham a oportunidade de levar ao público esse tipo de arte. Reunidos esta semana na sede da Associação Campineira de Imprensa, esboçaram inclusive a formação de uma entidade que os congregue. Pretendem, ainda, debater o assunto com atores de teatro, músicos e representantes de escolas de balé — que compõem uma exibição de ópera.

Até agora, os reponsáveis pelos programas oficiais do município não se manifestaram com relação a esse pedido, mesmo porque, o movimento é apenas embrionário. Os cantores, enquanto isso, divulgaram um comunicado em que dizem que sua atividade restringe-se a convites do Centro de Poesia e Artes, em datas específicas. Além disso, há o Centro de Ciências, Letras e Artes e recitais que consideram "de menor importância" durante a semana "Carlos Gomes". Segundo eles, "a programação da Orquestra Sinfônica Municipal é reservada para determinados cantores que contam com a preferência do maestro Benito Juarez, que observa critérios bastante pessoais de escolha".

No ano passado, dissolveu-se a escola de canto da professora Cláudia de Rezende Mocchi, que se transferiu para São Paulo, considerando melhores as perspectivas, em função do projeto "Pró-Ópera", da Prefeitura. Restam agora somente três escolas particulares, responsáveis pela maioria dos cantores líricos de Campinas.

"Atualmente os artistas líricos constituem um grupo desarticulado, desagregado e sem qualquer entidade que os congregue", afirma a nota, lembrando que duas tentativas de uni-los, através da Sociedade Campineira Lírico-Artística e da Sociedade Cantorum, fracassaram.

As dificuldades vêm sendo notadas especialmente nos últimos 12 anos. A decadência da arte lírica começou com a demolição do Teatro Municipal, na década de 60, eliminando assim o último palco onde o público costumava assistir às apresentações líricas. Houve um período de otimismo, quando o ex-maestro da Orquestra Sinfônica, Oreste Sinatra, disse ter ficado "impressionado" com o potencial lírico de Campinas, chegando a anunciar a criação de um "Centro Experimental de Ópera". Isso foi em 1970, quando comemorou-se o centenário da primeira apresentação da ópera *Il Guarany*. Até hoje os cantores locais tentam montar uma *La Bohème* (Puccini), "mas os poucos ensaios têm resultado em fracassos melancólicos".

Em 1977, a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas montou a peça "Noite do Castelo", de Carlos Gomes, com elenco formado por diversos artistas locais. Depois disso, porém, outras montagens vocais sinfônicas foram feitas, mas "trazendo cantores de fora", segundo afirma o grupo. "Desestimulados pela constante marginalização, numa espécie de círculo vicioso, os artistas também não se podem aperfeiçoar. Isso só acontece com o exercício constante".

Além de não aceitarem a afirmativa de que são piores do que os convidados de outros centros que se apresentam com a OSMC, os cantores de Campinas ainda relacionaram as peças já apresentadas e que gostariam de ter sido convidados a fazer, entre elas a "Nona Sinfonia", de Beethoven, "Missa em Si Bemol", de Mozart; "Rei David", de Honneger; "O messias", de Haendel, e outros concertos com peças cantadas.

"Muitos cantores líricos abandonaram seu ideal, decepcionados e desencantados com a falta de perspectivas nesse campo", afirma o tenor Alcides Acosta, que prognostica: "Chegará um dia em que Campinas será apenas lembrada como a cidade que, além de rejeitar seu mais proeminente compositor, sufocou e fez definhar muitas vocações líricas, porque o artista lírico em Campinas é um ser em extinção".